



LETRAMENTO DE REEXISTÊNCIA - UM CONCEITO EM MOVIMENTOS NEGROS

REEXISTENCE LITERACIES: A CONCEPT IN BLACK MOVEMENTS

LETTREMENT DE RÉEXISTENCE: UN CONCEPT DANS LES MOUVEMENTS NOIRS

LETRAMIENTOS DE REEXISTÊNCIA: UN CONCEPTO EN MOVIMIENTOS NEGROS

Ana Lúcia Silva Souza¹

Ione da Silva Jovino²

Kassandra da Silva Muniz³

Com satisfação apresentamos o Caderno Temático - Letramentos de Reexistência, edição especial da Revista ABPN – Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. A publicação, conforme expresso no convite que recebemos "materializa o plano de ação da atual Diretoria Dandaras que busca promover ações multidisciplinares e/ou interdisciplinares na formação de pesquisadores e na produção de conhecimento, assim como incentivar a colaboração entre pesquisadores de diferentes áreas com vistas à realização de trabalhos e formação que considere as pluriepistemias e incentive o diálogo com os saberes tradicionais".

Desafio aceito, aqui estamos com 41 artigos que mobilizam quase uma centena de ativistas, pesquisadoras e pesquisadores, intelectuais de diversas áreas do conhecimento que, com centralidade na educação antirracista dizem: É preciso REEXISTIR. E reexistir ainda mais e mais em um contexto social, político e econômico que nos oprime cotidianamente exigindo reposicionamentos de nossos lugares de atuação, de proposição e de ação política na qual a linguagem tem papel fundamental. Linguagem é aqui entendida em sentido amplo, e para muito além do domínio da tecnologia da escrita, leitura e oralidade, é sim pensada em relação aos seus usos sociais e políticos. Ou seja, interessa saber o que os sujeitos fazem com a linguagem em suas

¹ Universidade Federal da Bahia - UFBA

² Universidade Estadual de Ponta Grossa- UEPG

³ Universidade Federal de Ouro Preto- UFOP



vidas, os valores a ela atribuídos, interessa suas trajetórias de letramento e suas identidades trançadas, conforme Kassandra Muniz, 2016.

E nesse sentido que o conceito de letramento de reexistências ganha força ao buscar apreender, entender as práticas cotidianas de uso da linguagem que provocam releituras de identidades étnicas, de gênero, sexualidade, políticas, dentre outras. A formulação nasce junto da tese, defendida em 2009, por Ana Lúcia Silva Souza - em 2011 editada para o livro *Letramentos de Reexistência – poesia, Grafite, música, dança: hip hop*, pela Editora Parábola -, que caracterizou o movimento cultural hip-hop como um importante espaço de aprendizagens para a juventude negra que evidencia “uma reinvenção de práticas de uso da linguagem que os sujeitos realizam levando em conta as experiências educativas – de que compartilham na esfera escolar, como estudantes – as produzidas na esfera do cotidiano e as engendradas pelos movimentos sociais negros, tornando-as próprias, o que pode contribuir para repensar os múltiplos letramentos dentro e fora da escola.” (Ana Lúcia Silva Souza, 2011).

O hip hop desde o início dos anos de 1990 tem sido compreendido como uma importante agência de letramento que mescla linguagens e mídias de modalidades diversas em torno de um fazer cultural e político que interfere positivamente em muitos cenários, também na escola (Ione Jovino, 2004). A discussão tem aportes importantes em discussões sobre linguagem, novos letramentos além dos estudos culturais, mas, sobretudo em estudos e pesquisas centrados na educação antirracista, especialmente, mas não apenas, após a promulgação da Lei 10.639/03 – que altera a LDB e inclui no currículo oficial dos estabelecimentos de ensino a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira.

Falar em letramento de reexistência implica considerar as práticas de letramentos desenvolvidas em âmbito não escolar, marcadas pelas identidades sociais dos sujeitos nelas envolvidos e os aspectos que afetam o histórico do letramento da população negra no Brasil e influenciam as trajetórias pessoais de usos sociais da linguagem (Barros, 2005; Fonseca, 2016; Jovino, 2004; Munanga, 2004, Souza, 2011).

É desse âmbito que os artigos que estão neste Caderno falam de corpos, de culturas e de identidades que constantemente se veem sendo envolvidas em tentativas de total apagamento e exclusão do que se considera referência de “normal” em uma



sociedade racista, classista, homofóbica e sexista como a brasileira. Mesmo assim, aqui estão eles e elas se reinventando porque não resta alternativa a não ser reexistir.

E reexistir por entre as brechas das armaduras que constroem os binarismos de morte como sistemas e estruturas que deveriam ser fixas, sem possibilidade de reinscrição de si no muro invisível e ao mesmo tempo tangível do que nos torna humanos. Ao amalgamar essas complexas identidades às questões de raça e classe temos um complexo quadro de atrocidades denunciados em alguns artigos, em outras experiências exitosas que se mostram contradiscursos potentes em relação aos silenciamentos, outros que tratam de corpos imersos em produções artísticas e culturais que se fazem fincadas na ancestralidade. E assim seguimos na esteira da produção de conhecimentos e de um fazer científico que mostra a insurgência de protagonismos que rompem com barreiras e cada vez mais fazem seus corpos reinventados e suas vozes serem ouvidas.

Não há dúvidas de que todos os artigos querem principalmente, apesar de tudo, e contudo, dizer sobre como temos a capacidade de agir contra epistemicídios, feminicídios, racismos, transfobias de formas muitas vezes educadoras, criativas, artísticas, e toda uma série de engenhosidades que falam da necessidade não apenas de resistir, mas de reexistir.

REEXISTINDO EM TERRITÓRIOS E SOCIABILIDADES NEGRAS

Abrindo os trabalhos da seção, Carlos Machado em *A construção da raça branca e a suposta incapacidade intelectual*, ao apresentar as realizações africanas no campo da ciência, tecnologia e inovação, que ficaram ocultas devido à construção do sistema de privilégio branco, provoca reflexões sobre um dos campos simbólicos de disputas de saber.

Eliane Costa Santos em *As TICAS DA MATEMA de algumas etnias africanas: Suporte para a decolonialidade do saber* também nos leva a rever as epistemologias modernas para entender a invisibilidade dos saberes, fazeres e cosmovisões negadas a partir de um conhecimento dado como para poucos, fazendo valiosos os apontamentos em relação à matemática.



Território, sociabilidades e conhecimento se fazem presentes na discussão apresentada por Celina Gontijo Cunha e Clézio Roberto Gonçalves no texto *A tradição oral das práticas de benzeção*, mostrando o papel da tradição oral para a compreensão das relações interpessoais. Ainda neste campo, Ridalvo Felix de Araujo, com *Crianças em performance de iniciação no Candombe da Lapinha* nos leva ao território em que os mais velhos ensinam aos mais novos como conduzir o canto dançado e instrumentos do Candombe. E como ser criança também é um exercício de reexistência, Patrícia Maria de Souza Santana nos apresenta *As Pluralidades do Ser Criança no Quilombo Mato Do Tição-MG* mostrando a ludicidade como uns dos aspectos importantes a serem considerados no cotidiano da infância negra.

Nabor Jr, em *Um breve ensaio a cerca da crítica cultural na imprensa negra paulista: ontem e hoje* nos mostra como os negros se organizaram em coletivos que estruturam a inserção social deste grupo por meio da imprensa negra paulista, indicando reverberações de praticas de resistência por meio da escrita, marcantes em nossa trajetória.

Rosyane Maria da Silva, em *IQHIYA: Sobre Significados e Simbologias de Uso de Turbantes por Mulheres Negras. Conexões: Brasil, África Do Sul, Moçambique* traz os sentidos que mulheres negras brasileiras e africanas, no Brasil, na África do Sul e em Moçambique, estabelecem com o uso de Turbantes. Essa discussão mais que atual quando falamos de simbologia, visibiliza falas que, para além da utilização de um adereço, pode indicar também posicionamento.

Allan Da Rosa em uma carta a um ancestral, *Uma Missiva a Seu Ditinho Craque do São Geraldo*, reflete sobre práticas culturais da população negra em São Paulo na primeira metade do século XX e suas relações com as instituições oficiais da cidade, bem como sobre o futebol como espaço de sociabilidade negra masculina e as formas como a imprensa negra da época revelava isso.

E Merilyn Ricieli dos Santos e Ione da Silva Jovino em *Sociabilidades Negras entre a diversão e os letramentos: Um Clube Literário e Recreativo nos Campos Gerais (PR)* apresentam como o letramento pode aparecer nas sociabilidades negras como estratégia de inserção social.



EDUCAÇÃO TORNADA ESPAÇO DE REEXISTÊNCIAS

Na seção de agora Patrícia Maria de Souza Santana, Patrícia Mendonça Alves Pereira de Souza e João Manoel Ferreira Gomes em *Desafios na efetivação de uma educação para as relações raciais – a experiência da Escola Municipal Florestan Fernandes*, discutem a importância da institucionalização da temática racial na escola, destacando-se a gestão escolar e o trabalho coletivo como componentes fundamentais para a efetivação de uma educação para as relações raciais e antirracismo.

Rafael Domingos Rocha em *Uma história negada: diálogos com a lei 10.639* apresenta a experiência de um projeto de iniciação à docência, demonstrando a importância da relação universidade e educação básica, como uma estratégia não só para implementação da lei que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afrobrasileira, na região dos inconfidentes, mas como importante ferramenta de discursos e práticas antirracistas.

Andréia M. Cunha, Elzelina D. Santos, Iara P. Viana, Karla C. Cerqueira, Mariana P. A. S. Brandão e Rogéria C. Alves em *Articulação entre iniciação científica e promoção da igualdade racial no ensino médio: uma estratégia para políticas públicas educacionais*, mostram a articulação entre iniciação científica e a promoção da igualdade racial como alternativa metodológica e política em resposta aos desafios de articulação de conteúdos e práticas docentes, capazes de abarcar as diversidades, sobretudo de implementação de políticas públicas que abarquem a diversidade étnico-racial

Joel Anastácio, Renato Pereira e Letícia Fraga em *Reexistência indígena na Universidade Estadual de Ponta Grossa: para além do acesso ao Ensino Superior* trazem testemunhos de resistências e reexistências de estudantes universitários indígenas, mostrando suas estratégias de enfrentamento às adversidades e às situações de racismo, em especial na vida acadêmica.

Jane Margareth Ferreira e Lucia Maria de Assunção Barbosa apresentam *Francofonia e ensino-aprendizagem de língua estrangeira (Francês) à luz da Lei 10.639/2003* no qual fala de uma pesquisa que se propõe a investigar como o ensino de cultura associado à francofonia e aos marcos legais para educação antirracista,



destacando o papel central da cultura no ensino de línguas que também vise à educação das relações étnico-raciais.

Rosana Aparecida Ribeiro de Sene e Aparecida de Jesus Ferreira em *Identidades raciais nas aulas de línguas e intersecção com gênero e sexualidade: discursos produzidos por alunas/os* buscam analisar e compreender significados que estudantes atribuem às identidades raciais, analisando-as em sua intersecção com as identidades de gênero e de sexualidade, no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa.

E Waldete Tristão Farias Oliveira e Carlos Eduardo Dias Machado em *A demanda da população negra brasileira por educação: um longo trajeto até a Lei 10639/03* recuperam apontamentos históricos que ajudam a compreender por que a educação se tornou uma demanda da população negra e os desafios atuais para plena implementação dos marcos legais para educação das relações étnico-raciais em virtude das resistências e incompreensões por parte dos gestores e dirigentes no nível municipal, estadual e federal.

REEXISTINDO: SUBJETIVIDADES E IDENTIDADES

Seguindo com as seções. Maria Dolores Sosin Rodriguez, Silvana Carvalho da Fonseca e Jorge Augusto de Jesus Silva em *O intelectual negro: agente de letramento* discutem o intelectual negro como aquele que na luta contra o poder agencia uma luta coletiva pelo mesmo, sendo figura importante nos processos de letramentos da cultura negra. Inclusive o Rap como uma agência mobilizadora do letramento negro para a insurgência.

Denise Luciana de Fátima Braz, em *Onde estão os negros na Argentina?* apresenta dados de uma pesquisa que busca a história negra em Buenos Aires a partir de relatos dentro da própria comunidade negra contribuindo significativamente para pensar as questões raciais negras para dentro da América latina.

Eliana Sambo Machado, em *Rompendo o silêncio da branquitude nos discursos de mulheres brancas acadêmicas* tem como objetivo principal é trazer discussões complexas sobre o campo de estudos da branquitude, a fim de problematizar, por meio da análise dos discursos de acadêmicas brancas, os sentidos sociais da branquitude e seu lugar como norma social.



Gevanilda Santos em *Movimento Negro: letramento de vivência e reexistência* busca aproximar aspectos da atuação do movimento negro brasileiro da temática do letramento de reexistência, tendo como foco central a questão da educação. Marca o ativismo do Movimento Negro Brasileiro, por meio das fontes iconográficas do acervo da Soweto Organização Negra, uma instituição negra de São Paulo.

Denise Bonifácio, Kajali Lima Vitória, Suelma Inês Alves de Deus A *dimensão étnico-racial na formação e na intervenção dos assistentes sociais: um debate em aberto* apresentam reflexões realizadas por um grupo de estudos referente à lacuna existente na formação de profissionais de serviço social sobre a temática racial negra. Abordam a dimensão étnico-racial e a intervenção profissional mostrando desafios postos pela profissão na luta de combate ao racismo.

E Yone Maria Gonzaga em *Garimpando e forjando ouros negros: experiências a partir da lei nº 10.639/2003* discute como o processo de implementação efetivo do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana pode contribuir para a reversão de imaginários sociais construídos historicamente sobre os sujeitos negros e seus conhecimentos e, ainda, possibilitar a resignificação de subjetividades de pesquisadores/as envolvidos/as com a temática racial.

GÊNERO E SEXUALIDADES EM NEGRO-REEXISTIMOS. PONTO.

Na presente seção com o artigo *Hip Hop fora do armário: Quando a Cultura Hip Hop derruba barreiras da sociedade retrógrada*, o autor Tiely Queen salienta: a intenção é romper com todos os armários nos quais queiram colocar a produção artística do Hip Hop. Apesar de boicotes e ainda falta de reconhecimento, ele nos mostra um quadro de artistas bastante promissor e que se recusam a se ver encarcerados em identidades binárias que nos dá esperança de futuro porque o presente já se mostra extremamente potente.

Rap nacional é coisa séria: O gangsta, o feminino e o lúdico de Dinha, Maria Nilda de Carvalho Mota e Eduardo Guilherme de Carvalho Mota nos brinda com um texto que segue na toada de não querer arrolar o movimento hip hop em identidades estanques que ora invisibilizam produções feitas por mulheres ou tratam como algo menor os que trazem a ludicidade como tônica de suas produções ou ainda relegam a



um lugar de violência rasteira o gangsta rap esquecendo seu tom revolucionário. Os autores nos brindam com uma análise que destaca a sofisticação irônica que os/as rappers lançam mão na confecção de suas letras e salientam: Rap nacional é coisa séria.

O artigo *Pensando sobre gênero e sexualidade na saúde: notas sobre a experiência do LABTRANS/UFRB/CNPq* traz um lugar de fala fundamental para pensarmos possibilidades de reexistência: o campo da saúde. Fran Demétrio traz a experiência exitosa do LABTRANS que se poderia afirmar tem como função principal sensibilizar não apenas internamente a UFRB, mas a comunidade ao redor sobre como nossas identidades não estão prontas e acabadas como se a possibilidade de mudança e de “fabricação” de nossos corpos e mentes estivessem limitadas a identificações binárias e estanques. A partir de uma visão decolonial, o artigo sensibiliza e traz questões práticas de como podemos trazer esse corpo TRANSformado para dentro da universidade diminuindo aos poucos e de forma constante a desigualdade de gênero.

No artigo *Cantos de reexistência: A construção performativa de raça e gênero do grupo Tambores de Safo*, de Gabriela de Sousa Costa nos apresenta um mundo feminino, performático e que traz na pele o orgulho de serem batuqueiras. A autora analisa o grupo Tambores de safo que tem como perfil integrantes femininas que articulam de forma política suas identidades negras e de gênero. Para essas artistas, se auto inscrever no mundo como negras mulheres não é apenas um ato de fala linguístico, mas eminentemente político.

Quando a discussão é gênero, qual o lugar do homem negro? Por quais perrengues passa a construção dessa masculinidade que é tida na literatura branca clássica de gênero como o potencial estuprador, violentador, bandido, malandro, promíscuo, compulsoriamente hetero e hiper sexualizado? Quantos homens negros temos falando de seu lugar? Em *Identidade e resistência: um homem negro no espírito do meu tempo* e no artigo *Masculinidades contemporâneas e lugar das artes negras nos arredores da Paulicéia*, Paulo Edison de Oliveira e Salloma trazem esses e outros inquietantes questionamentos sobre como percorrer esses caminhos identitários sem, no entanto, achar que vai encontrar ou dar A resposta que elucidará esse lugar muitas vezes abjeto, mesmo que opressor em algumas instâncias, do que é ser um homem negro.



As mulheres tem sido a ponta de lança de muito do que hoje se denomina movimento negro. Embora ainda estejamos na base da pirâmide social brasileira, não há dúvidas de que conseguimos desestruturar e fazer novas proposições onde parecia ser impenetrável que fôssemos lidas, ouvidas, vistas e referenciadas: o movimento feminista, branco de formação e ideais, e o campo artístico do samba dominado pelos homens. Os artigos *Resistência e reexistência de mulheres negras no feminismo*, de Josane Silva Souza e “Projeto Samba na Roda da Saia: empoderamento feminino através do samba em Minas Gerais”, de Rosane Pires abordam esse protagonismo negro feminino.

DECOLONIZAR AS LINGUAGENS PARA PODER REEXISTIR

O artigo que inicia essa seção dá o tom de que não nos interessa uma perspectiva de linguagem como sistema em que as subjetividades sejam alijadas do fazer linguístico. Os letramentos negros são vistos aqui como uma possibilidade de pensar a linguagem como mandinga, defendida como uma categoria negro-epistêmica de entender como nós, negros e negras, lidamos com as armadilhas e desafios de uma linguagem que ao mesmo tempo em que tem o poder de nos aprisionar, tem a potencialidade de emancipação e decolonização de ideias. Podemos ver isso em *Letramentos de reexistência: produção de cartazes como forma de afirmação da intelectualidade jovem e negra* defendido aqui por Thiago Borges Brito, Kassandra Muniz e Ana Lúcia Silva Souza mas também no artigo *É A de Atabaque, B de Berimbau, C de Capoeira: Capoeira e Letramentos de Resistência no Bairro Cidade Com Deus em Camocim-Ce* dos autores Gilson Soares Cordeiro e Paulo da Ponte Portela.

Quão racializadas são nossas ideologias linguísticas? As nossas formas de falar e existir linguisticamente em Língua Portuguesa informam questões raciais? Pior, dizem sobre hierarquias raciais? O artigo de Joana Plaza Pinto *Ideologias linguísticas e a instituição de hierarquias raciais*, desmascara a ideia de neutralidade da linguagem e desvela como seus mecanismos metapragmáticos de constituição nos dão as ferramentas ao mesmo tempo para que apontemos a racialização no campo da linguagem. Nessa levada, *Pixo, Logo (Re) existo: reflexões sobre os conceitos de autoria e escrita na*



busca pela (re) existência e Entextualizações em eventos de letramentos de arte e reexistência das juventudes: ressignificar para reexistir em contextos periféricos, artigos de Maria Carolina Araújo e Claudiana Alencar, Tito Maciel e Antonio Brito Sousa mostram como identidades juvenis e tidas como periféricas e marginalizadas reinventam suas identidades linguísticas por meio do ativismo social reinscrevendo a si e a seus coletivos por meio de manifestações artísticas como pixo e sarau.

Falar de si, contar sua história, não se deixar apagar por uma linguagem que muitas fere e nos deixa como estrangeiros em nosso próprio território linguístico está presente no artigo *Letramentos de sobrevivência: costurando vozes e histórias*. Por meio da narrativa de dois dos autores Raphael Calazans e Janaína Tavares, que assinam e ajudam a costurar o artigo e a vida, os também autores Adriana Lopes, Daniel Silva e Adriana Facina estabelecem uma relação entre o ato em si de narrar e a própria sobrevivência linguística.

LITERATURAS DE REEXISTÊNCIAS EM PERSPECTIVAS

Lívia Natália e Denilson Lima Santos nos interrogam sobre o lugar que a intelectualidade negra ocupa dentro do chamado cânone que privilegia produções feitas por homens brancos principalmente. Em seu artigo *Intelectuais Negras E Racismo Institucional: Um corpo fora de Lugar*, escritora Lívia Natália relaciona a insurgência da escrita negro feminina com a opção decolonial como forma de desestabilizar os lugares brancocêntricos ainda tão canônicos na intelectualidade brasileira. Já o autor Denilson Lima Santos ao trazer a trajetória intelectual artística de escritores como Abdias do Nascimento e Manuel Zapata Olivella nos mostra como a escrita tem sido uma ferramenta fundamental para que a ancestralidade possa ser vista como uma categoria epistemológica no fazer literário de escritores negros na diáspora.

Relacionar, “por para conversar”, apontar possibilidades de encontros e desencontros entre dois autores é o trabalho que Lourdes Silva Modesto Alves e Pedro Sena se colocaram como demanda para escrever o artigo *Dionne Brand e Sandro Ornellas: um encontro na casa da reexistência*. Desafio esse conquistado à altura dos poetas analisados pelos autores. Marinilda Gomes dos Santos e Patrícia Maria da Silva também se lançam a este desafio no artigo *A construção da infância na literatura*



brasileira: Jônatas Conceição e Conceição Evaristo, reflexões sobre novas formas de reexistência e representações da infância negra. A questão agora é pensar se as crianças negras tem direito a reexistir na sociedade brasileira a partir dos escritos de Conceição Evaristo e Jônatas Conceição.

Encerrando essa jornada que foi construir esse dossiê, mas deixando como os bons o fazem textos lacunas para serem preenchidas pelos leitores e leitoras, Ana Rita Santiago mergulha na escrita de autoras moçambicanas e brasileiras do estado da Bahia para dissertar sobre o que nos move, nos apaixonou, nos esmaga, nos toca, nos faz continuar vivendo e reexistindo como mulheres negras. *Corpos negros femininos em poéticas de (re) existências* é um artigo que dá um fechamento interessante e instigante a este dossiê porque diz sobre como a escrita nas mãos de mulheres negras pode se converter em algo libertador. E isso nos dá esperanças. Sigamos na Reexistência!

REFERÊNCIAS

BARROS, S. A. P. Discutindo a escolarização da população negra em São Paulo entre o final do século XIX e início do século XX. In: ROMÃO, J. (Org.). *História da educação do negro e outras histórias*. Distrito Federal, Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: 2005.

FONSECA, M. V.; BARROS, S. A. P. (Orgs.). *A história da educação dos negros no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2016.

JOVINO, I. S. El rap como práctica cultural juvenil negra. *Boletín IFP*, Santiago, ano 2, n.6, mayo 2004.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: *Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira*. Niterói: EdUFF, 2004. (Cadernos PENESB 5).

MUNIZ, K. Ainda sobre a possibilidade de uma linguística “crítica”: performatividade, política e identificação racial no Brasil. In: *D.E.L.T.A. Documentação e Estudos em Linguística aplicada*. Unicamp. v. 32.3 (2016) p. 767-786.

SOUZA, A. L. S. *Letramentos de reexistência – poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.